

GUIA DE BOAS PRÁTICAS DA TECNOLOGIA SOCIAL

ETNOMETODOLOGIA NA INCUBAÇÃO DE COLETIVOS



CONCORRE AO PRÊMIO FBB DE TECNOLOGIAS SOCIAIS

Créditos:

Incubadora de Empreendimentos Solidários da Unilasalle

TECNOSOCIAL - UNIVERSIDADE LA SALLE

Dra. Maria de Lourdes Borges

INTRODUÇÃO

Uma tecnologia social deve ser simples, trazer resultados, respeitar o contexto, ser acessível e ser facilmente replicável especialmente em contextos de alta vulnerabilidade socioeconômica.

Você sabia que a etnometodologia pode servir de base para uma tecnologia social?

Sim!!!!

A etnometodologia é uma teoria e uma metodologia ao mesmo tempo. Ela foi criada por Harold Garfinkel nos anos 1960 nos Estados Unidos. Ele compreendeu que, para que as pessoas consigam coisas simples como se relacionar, conversar, se entender nos diferentes ambientes, elas usam 'métodos'!!! Pois é! Por exemplo, como sabemos se precisamos entrar em uma fila quando tem muita gente para ser atendido em um guichê? Sabemos porque olhamos como os outros se comportam, mesmo sem perguntar nada, caso não haja indicação escrita, bem como podemos perguntar: você está na fila? ! A esse "comportamento" que envolve posturas e posicionamentos corporais típicos de uma fila, chamamos método, a fim de exemplificar.

Então, há métodos que são comuns a todas as pessoas e há outros que são próprios de cada ambiente. Em contextos de alta vulnerabilidade social, as pessoas usam alguns métodos sociais específicos, muitas vezes estranhos daqueles que os técnicos, acadêmicos e observadores utilizam. Cabe à equipe de técnicos conhecer esses métodos sutis que são usados diariamente.

Por que fazer isso?

Para que o processo de incubação de empreendimentos solidários seja mais assertivo, ou seja, para que atividades e a assessoria de incubação possa aumentar significativamente o crescimento, aprendizado do grupo e sua renda.

Como fazer isso?

Primeiro é preciso conhecer profundamente a maneira como as pessoas organizam a sua vida social, ou seja, compreender como elas fazem sentido conjuntamente de suas atividades práticas na vida cotidiana. Isso acaba mostrando a ordem social daquele espaço local!

Segundo a etnometodologia, para que o pesquisador ou o técnico possa apreender e agir em um contexto, é preciso que ele compreenda essa ordem social. Para isso ele precisa ter convivido o suficiente naquele local para chegar a ter a **NOÇÃO DE MEMBRO** para adquirir o domínio da linguagem natural, sem estranhamentos. Por exemplo, quando em oficinas são relatadas vivências de violência doméstica com ou sem maiores emoções, pode haver um estranhamento e certo incômodo por parte dos técnicos. Quando o pesquisador adquiriu a noção de membro, ele compreende aquele mundo e consegue se adaptar a ele, dentro do ponto de vista das pessoas que ali convivem, sendo **reconhecido e aceito pela competência social que demonstra naquele ambiente**.

Mas então, como conseguir adquirir a noção de membro em uma comunidade?

Fazendo observações e convivendo sistematicamente naquele contexto por meio da técnica da **IMERSÃO ADQUIRIDA** para que os técnicos adquiram conhecimentos e competências específicos.

Assim, o técnico adquire habilidades tal como um membro do grupo e torna-se parte do fenômeno que está pesquisando.

Quando está imbricado desta maneira, o técnico consegue entender melhor o momento que o grupo está passando, onde é necessário maior foco e desenvolvimento.

Diante disso, o técnico pode trabalhar à maneira de uma observação participante, onde ele não é somente um observador passivo, mas um membro ativo daquele grupo, passando de um mero observador para um sujeito integrado ao contexto.

Para cada observação é essencial que um **CADERNO DE CAMPO** seja desenvolvido, mesmo que não tenha sido realizada gravação de vídeo das atividades daquele grupo. Vamos falar sobre tudo isso mais detalhadamente.

Como funciona na prática a tecnologia social "Etnometodologia nos processos de Incubação"? Quais as fases para sua aplicação?

FASES DA TECNOLOGIA SOCIAL:

1- **AUTORIZAÇÕES** -

Primeiramente é preciso conseguir a autorização para a pesquisa dentro de cada cooperativa (tanto do coletivo, como de cada pessoa individualmente), inclusive para gravações em vídeo e áudio e também é aconselhável que seja passado por comitês de ética das instituições de origem dos técnicos.

2- **IMERSÃO ADQUIRIDA**

Segundo é preciso que um ou mais técnicos façam o exercício de **IMERSÃO ADQUIRIDA** em cada contexto a ser trabalhado. Mas como é isso mesmo?

2.1- É preciso que eles façam **OBSERVAÇÕES** de cada coletivo a ser incubado em diferentes dias e horários.

2.2- É preciso que eles tenham um **CADERNO DE CAMPO** em que anotem o horário de chegada, de saída, e tudo o que conseguirem anotar de suas observações e interações neste caderno. Caso tenham autorização, é aconselhável que possam realizar gravações em vídeo e/ou áudio.

2.3- **POSTURA EMPÁTICA**

A postura dos técnicos nesta fase é a de compreender empaticamente o comportamento das pessoas. Por exemplo, se oferecerem comida e bebida, é aconselhável aceitar, bem como participar de conversas. O objetivo é o de adquirir a **NOÇÃO DE MEMBRO** – que é uma das características da etnometodologia. Em uma média aconselhamos que cada técnico tenha realizado mais de 50 horas de observações, ou até que essa noção de membro seja percebida em cada técnico.

3- **ANÁLISE DOS MÉTODOS USADOS EM CADA GRUPO**

Terceiro, de posse dos dados, uma análise deve ser realizada pela equipe que vai realizar a incubação a fim de perceber como ocorre ali a comunicação, a tomada de decisões enfim, o raciocínio prático daquele grupo (pois **prática e realização** é outra característica da etnometodologia). De posse dessa análise pode-se entender melhor “**a vida como ela é**” a partir da experiência daquele grupo.

Assim pode-se compreender palavras e frases que somente são entendidas naquele contexto. Por exemplo, em uma cooperativa, quando há dificuldade nos relacionamentos eles dizem que tem muita “**ladaia**” e em outra chamam o coordenador de “**pai**” e a secretária de “**mãe**”. Tais aspectos dizem respeito à indicialidade – ou seja – são palavras que tem significados específicos em cada contexto e situações que são usadas. A **indicialidade** é outra característica da etnometodologia. Ladaia, pai e mãe também são exemplos de **reflexividade** (mais uma característica da etnometodologia), pois essas

palavras são usadas como códigos que tem aspectos implícitos na fala e que representa um senso comum que tem significados específicos em cada contexto.

Também representam aspectos de **relatabilidade** (última característica da etnometodologia) devem ser evidenciados nas análises dos cadernos de campo, onde por meio da linguagem as situações sociais são estruturadas. Por exemplo, ao se referir à “ladaia” pudemos verificar que aquele grupo específico está tentando manter a ordem social por meio da tentativa de diminuir as fofocas. Portanto esta é uma importante fase, onde são realizadas microanálises de ações (verbais e não verbais) a fim de compreender os principais métodos que cada grupo usa para construir sua vida social diária.

4- PLANEJAMENTO GERAL DAS ATIVIDADES DE INCUBAÇÃO

A partir desta aproximação com cada coletivo, cada técnico tem maior compreensão da maneira como cada grupo age, quais as suas necessidades, dificuldades e dilemas e pode, em diálogo com o grupo, ser mais assertivo para o crescimento daquele grupo. Então, depois de reuniões e conversas com a coordenação e com o grupo como um todo um plano de incubação (seja ele de pré-incubação, incubação em si ou pós-incubação) pode ser delineado, inclusive com o estabelecimento de um cronograma anual (se for o caso)

5- PLANEJAMENTO DE CADA ATIVIDADE

Assim, chegado o momento de iniciar as atividades com cada coletivo, é preciso planejar diferentes tipos de atividades e oficinas, sempre baseados na aproximação inicial com cada grupo (imersão adquirida - Fase 2), ou seja, respeitando cada contexto e acompanhando as mudanças que vão ocorrendo com o passar do tempo.

É vital que cada atividade seja realizada em cada coletivo (associação, cooperativa), no local de trabalho dos incubados, pois ali é o seu lugar, onde tem possibilidade de melhorar o seu mundo, ou seja, "ir onde o povo está".

6- ORGANIZAÇÃO DE CADA ATIVIDADE

Antes de cada atividade, é preciso planejar cada encontro/oficina, onde se estabelece qual o seu objetivo, local, horário, público-alvo. Organizar enfim os detalhes, preparar os materiais, planejar o encontro/oficina. Este planejamento é feito a partir das demandas e temas que o grupo escolheu e pediu.

6.1- Lembrar aos responsáveis por cada coletivo um dia antes da atividade para confirmar os detalhes.

6.2- Separar os recursos necessários (materiais pedagógicos), organizar transporte, etc.

7- REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES Realizar as atividades no mínimo em duplas, onde uma pessoa conduz/faz a mediação da atividade e outra registra as percepções e visões no caderno de campo.

7.1 O observador deve coletar as assinaturas dos participantes.

7.2 Nessa fase é preciso que o técnico procure ouvir, compreender, ter empatia e agir de acordo com o objetivo de cada atividade e o projeto estabelecido inicialmente, respeitando o momento de cada grupo, trazendo feedbacks e insights com cuidado e observando a reação do grupo.

8 - AVALIAÇÃO DE CADA ATIVIDADE

Após cada oficina a equipe deve avaliar a atividade realizada, pontos fortes e fracos, se os objetivos foram atingidos, quais os cuidados para a

próxima atividade. Verificar ou muito curta e aprender para as próximas atividades. Verificar o feedback com alguns participantes de cada coletivo e trazer para a avaliação.

9- RELATÓRIO

Em seguida é preciso fazer um relatório específico de maneira que sistematize o que foi realizado (e o quanto mais breve possível tanto melhor), inserindo as anotações do caderno de campo, outras percepções dos técnicos e algumas falas que sobressaíram, bem como vídeos e registros fotográficos e também a lista de assinaturas.

10 - CONSTANTES OBSERVAÇÕES E CONVÍVIO COM CADA GRUPO

Voltar a campo para mais observações e convívio com o grupo é importante, mesmo não sendo em oficinas, mas vital para compreender o momento de cada grupo, as mudanças que estão passando e a maneira como cada grupo enfrenta as dificuldades diárias.

ORIGINALIDADE

A originalidade desta proposta reside no uso da abordagem da etnometodologia como base para uma tecnologia social.

Agora dá pra entender melhor que usamos a **etnometodologia para descobrir quais os métodos que as pessoas utilizam para construir sua realidade social**, ou seja, como elas fazem ações relacionais dentro dos coletivos de maneira local, endógena dentro suas cooperativas, aspecto vital para uma boa tecnologia social.

Usamos a etnometodologia para entender o que as pessoas realmente fazem, como elas realizam ou não ações em suas cooperativas ou coletivos de trabalho, como constituem sua realidade social!

As observações são importantes para esta tecnologia social para que o técnico veja as pessoas “a partir do chão”, ou seja, observe o que elas estão fazendo, incluindo como percebem as suas ações e as das outras pessoas, como fazem sentido delas; enfim, **que olhe as ações detalhadas realizadas pelas pessoas enquanto constituem o seu dia a dia.** Por isso, é preciso entender que métodos usam para construir suas ações e suas vidas nos empreendimentos coletivos.

A etnometodologia pode ajudar a pensar as contradições e mediações encontradas nos empreendimentos da economia solidária. Quando se encontram diante de conflitos e ideias contrárias, as pessoas precisam ser criativas para então poder (re)criar, e assim modificar, a própria realidade por meio da sua ação no presente.

Portanto, entendemos que a etnometodologia pode contribuir muito para o processo de incubação de empreendimentos coletivos, servindo como base para uma tecnologia social.

A base do entendimento desta tecnologia social é que o **saber se origina das pessoas** que encontram ou constroem soluções para os problemas que afetam suas próprias vidas, especialmente usando os saberes populares, ou seja, aqueles conhecimentos que elas tem disponíveis.

Assim, esta tecnologia social resulta das **análises das micro-ações diárias das pessoas (essa é a visão da etnometodologia)**, no nosso caso aquelas voltadas para as ações que fazem acontecer os empreendimentos econômicos solidários em uma perspectiva emancipadora, pois privilegia os saberes e práticas populares, ao buscar entender **'como' os sujeitos constroem a economia solidária diariamente.**

Referências:

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H. ; CARGNIN, T. M. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. *DESENVOLVIMENTO EM QUESTÃO*, v. Ano 13, p. 108-142, 2015.

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H. ; ROSA, G. F. Identidade, aprendizagem e protagonismo social: sentido do trabalho para sujeitos recicladores. *Otra Economía Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria*, v. 8, p. 83-98, 2014.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 288 p. 1967.

GUTIERREZ, A. L. P. ; **BORGES, M. L.** . Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, v. Julio, p. 1-12, 2019.

CONTATO:

Dra. Maria de Lourdes Borges

maluborg@gmail.com

maria.borges@unilasalle.edu.br